

O café, da fazenda até as belas artes

"O Café na História, no Folclore e nas Belas Artes" — Basílio de Magalhães — história — Companhia Editora Nacional.

NOGUEIRA MOUTINHO

Um dos mais interessantes estudos insertos na "Brasília", onde aparece como volume 174, esta minuciosa pesquisa de Basílio de Magalhães versa um assunto que normalmente só aparece nas rubricas econômicas e agrícolas: o Café. A primeira edição do livro é de 1938, promovida pelo Ministério do Trabalho, reunindo os trabalhos bibliográficos e as memórias que o autor havia elaborado em 1927, comemorando o segundo centenário da entrada do Cafeeiro no Brasil. Esta terceira edição, pode-se afirmar, repõe em circuito um trabalho por vários títulos indispensável.

Basílio de Magalhães, notável figura de intelectual e de estudioso, nasceu em Minas Gerais em 1874, educou-se em São João d'El Rei, cidade de que mais tarde seria prefeito, mas toda sua carreira de homem de estudo transcorreu em Campinas, onde foi lente do famoso Ginásio do Estado e redator do "Correio de Campinas". Anotou Varnhagen, o Barão do Rio Branco e Handelman; como historiador porém sua obra principal é a "Expansão Geográfica do Brasil Colonial", também inserida na "Brasília". Deputado Federal por Minas, exerceu no Rio a direção da Biblioteca Nacional, e quando ainda residia em Campinas tornou-se, em 1909, fundador de uma das Cadeiras da Academia Paulista de

Letras, a de n.º 34, cujo Patrono é Pedro Taques, sendo hoje ocupada pelo professor Antônio Carlos Pacheco e Silva. Basílio de Magalhães faleceu em Lambari em 1957, podendo-se dizer que este seu ensaio sobre "O Café" representa o coroamento de nobre carreira de estudioso.

Iniciado com as peripécias da introdução do Cafeeiro no Brasil pelo paraense Francisco de Melo Palheta, relatadas com o desejável rigor historiográfico, o livro prossegue com a descrição geográfica dos antigos caminhos "paulistas" e outros, trilhados pelo produto, até as locomotivas da "São Paulo Railway". É a partir daí que a pesquisa se amplia em âmbito universal, graças à recolha de lendas de toda a natureza sobre a bebida arábica, finalizando com particularizada pesquisa sobre o café nas diversas artes, capítulo em que ocupa lugar de honra, naturalmente, a Cantata do Café, de Bach. Mas o que mais de perto nos interessa é o longo capítulo sobre Azambuja Susano, autor, em 1847, do "romance brasileiro" intitulado "O Capitão Silvestre e Frei Veloso ou a plantação do café no Rio de Janeiro", a primeira obra de ficção nacional sobre o tema. Esse mesmo Susano foi, registra Antonio Candido, considerado como autor do primeiro romance histórico brasileiro, "Um Roubo na Pavuna", datado de 1843. Rico manancial de pesquisa e fruição literária, o livro de Basílio de Magalhães só dignifica a "Brasília" da Editora Nacional.

Nogueira Moutinho é da Academia Paulista de Letras

Folha de São Paulo - 7-XII-1980